

Jazz

24, 25 Maio 2011

Ciclo "Isto é Jazz?"

Comissário: Pedro Costa

Platform 1

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Saxofone tenor Ken Vandermark
 Trombone Steve Swell
 Trompete Magnus Broo
 Contrabaixo Joe Williamson
 Bateria Michael Vatcher

Ter 24, Qua 25 de Maio
 21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h20 · M12

Plataforma e construção

Plataforma: em arquitectura, engenharia espacial e cibernética, termo utilizado para referir uma base física ou virtual de sustentação de algo que sobre a mesma se edifique ou de alguma acção que tenha lugar dentro dos seus parâmetros. Platform 1: nome de um novo projecto musical formado por Ken Vandermark, Magnus Broo, Steve Swell, Joe Williamson e Michael Vatcher com referência na grelha colectiva que possa resultar dos contributos individuais dos seus elementos e de mais algum acrescento surgido das conexões estabelecidas. No conceito em abstracto como no caso particular deste quinteto, implícito está o estabelecimento de um “território” específico, mas é precisamente nesse âmbito que as coisas se complicam e tornam mais interessantes – por mais situada que pareça, esta plataforma e o que nela se fabrica representam um factor de desterritorialização, seja considerando os músicos envolvidos como a própria música. Explique-se: Vandermark é um produto da cena de Chicago que cada vez está mais votado a uma movimentação nos circuitos europeus; o sueco Broo estudou no Texas e é conhecido pelo seu apego à tradição norte-americana do jazz; Swell é um dos exemplos mais acabados do cosmopolitismo nova-iorquino; o canadiano Williamson está estabelecido em Copenhaga, depois de ter fixado residência em Amesterdão, Berlim e Londres; Vatcher é um americano há décadas radicado na Holanda. Ou seja, são todos artistas desenraizados e/ou

comprometidos com o processo de universalização da linguagem musical que praticam.

O que levanta algumas questões. Diz Ken Vandermark: “Só o tempo dirá da validade do que se está a fazer no quadro deste ‘jazz universal’. Continuo a acreditar que quase todas as importantes inovações desta música foram conseguidas por músicos negros. A partir de finais dos anos 1960 deixou, no entanto, de ser assim. Foi por essa altura que o jazz se tornou internacional. Inovações ao nível da construção, do tempo e da melodia começaram a surgir também na Europa. A verdade é que, à medida que esta música se direcciona no sentido do futuro, mais se afasta das suas raízes originais. A questão já não é saber se o jazz é suficientemente afro-americano ou suficientemente europeu, mas se é suficientemente bom. Toda a música beneficia dos encontros de pessoas e ideias de várias proveniências que possam verificar-se em qualquer lugar do mundo. Se for um campo aberto à criatividade e ao trabalho em conjunto, o jazz de amanhã tem o potencial para ser tão excitante e forte quanto o jazz do passado, independentemente de como soar.”

Talvez devido a esse factor inserível na actual dinâmica da globalização cultural (esta, felizmente, bem mais agradável do que a económica), o jazz da Platform 1 não corresponde nem ao modelo americano, nem ao do Velho Continente, mas a um estado transitório, *in-between*, que ao mesmo tempo reflecte alguns dos enfoques regionais deste idioma e os ultrapassa em busca do que poderemos referir como um meta-jazz de dimensão viajante. A matriz está naquilo a que

se vai chamando *free bop*, consistindo este no cruzamento das premissas do *hard bop* e da *new thing*, tal como foram introduzidas por Jackie McLean em *One Step Beyond*, Grachan Moncur III em *Some Other Stuff*, Sam Rivers em *Fuschia Swing Song*, Booker Ervin em *The Freedom Book* e Eric Dolphy em *Out to Lunch*. Mas algo mais dá forma a este jazz inspirado no poema *Ithaka* de C.P. Cavafy, cuja mensagem é a de que mais importa o percurso do que o destino: nele incorporados estão o rigor composicional da música erudita contemporânea, a vertente de pesquisa da *new music* e do experimentalismo, a energia e o balanço rítmico do rock e a liberdade da música improvisada. Não se trata, simplesmente, de uma apropriação desses ingredientes. Estes nomes grandes da música criativa praticam-nos habitualmente: por exemplo, Vandermark e Williamson têm um historial de colaborações com livre-improvisadores e o mesmo Vandermark e Vatcher vêm colaborando com o grupo punk anarquista The Ex ou membros e ex-membros seus.

Em conformidade, ao jazz de Ithaka importam mais os processos do que o produto final e por isso mesmo os módulos tentados de combinação do composto com o improvisado têm melhor expressão quando apresentados ao vivo. Ainda que esteja planeado que esta digressão lusitana fique documentada em disco a editar pela editora Clean Feed, a Platform 1 é essencialmente uma banda *live*. “Esta é a mais complexa questão que podemos imaginar, mas o certo é que o relacionamento entre composição e improvisação, e todas as suas possíveis permutações, está no coração

do jazz. Procuo formas de organizar essa dialéctica que possam ir mais além dos modelos existentes nesta área, lidando com as possibilidades estruturais abertas pela música contemporânea e com a formulação de novos métodos apenas condicionados por uma noção de equilíbrio”, considera Vandermark. Não sendo o líder da Platform 1, que consiste para todos os efeitos numa estrutura de iguais, é ele o mentor do projecto, e daí que se torne inevitável encarar a banda no contexto das demais que o saxofonista e clarinetista dirige ou integra e que, de algum modo, lidam com intencionadas delimitações territoriais. Se uns reúnem figuras exponenciais do núcleo de Chicago (à semelhança de Vandermark 5), em outros emparceira com músicos de Boston (Tripleplay), escandinavos (Fire Room e Free Fall, entre outros) e britânicos (CINC), além de estar à frente de formações transnacionais com participantes dos dois lados do Atlântico (Territory Band, Resonance Ensemble). Agora encontramo-lo num grupo constituído por emigrantes e *globe-trotters*. Nesta projecção geográfica da sua actividade, Ken Vandermark está apostado numa desidentificação com as suas origens, e é óbvio que tal só pode consequenciar maiores transformações nas suas perspectivas musicais.

O próprio confirma-o: “Sim, acho que se pode dizer que estou a expandir-me, após duas décadas em que Chicago foi tão central no meu desenvolvimento. Sinto a necessidade de mudar, de abandonar o meu bairro. Afinal, muito do meu trabalho criativo acontece, hoje, na Europa, juntamente com músicos europeus. Nos próximos anos desenvolverei mais intensamente estes

relacionamentos e a Platform 1 está inserida nesses planos.” Por isso mesmo, e tal como aconteceu já com a célula americano-escandinava 4 Corners, o novo grupo terá a sua estreia absoluta num dos mais antigos países europeus, Portugal, onde o multi-instrumentista é vital regular desde há alguns anos. “Foram vários os motivos – elucida – que me levaram a formar esta banda com estas pessoas, e um deles foi a possibilidade de trabalhar em outro formato com Magnus Broo, que encontrei pela primeira vez nos 4 Corners, e com Steve Swell, ambos elementos do Resonance Ensemble, no qual estão a ter um belíssimo desempenho. Outra ambição minha era ter a oportunidade de tocar com Michael Vatcher, que considero ser um dos melhores bateristas da actualidade. Trata-se de uma cooperativa, e nesta digressão portuguesa cada um de nós contribui com três composições, a desenvolver durante a nossa estada, e claro que com todas as nossas referências individuais. No que me diz respeito, estas estão fundamentadas nas histórias do jazz norte-americano (Duke Ellington, Miles Davis, Thelonious Monk, Ornette Coleman, Cecil Taylor, Anthony Braxton), da música improvisada europeia (Peter Brotzmann, Evan Parker, Derek Bailey, Misha Mengelberg, Paul Lytton), da nova música (John Cage, Morton Feldman, Iannis Xenakis, Gyorgy Ligeti, Helmut Lachenmann), do funk (James Brown, Funkadelic, Curtis Mayfield), do rock (Wire, The Ex, Mission of Burma) e do reggae (Lee Perry, King Tubby).”

Até que ponto vai esta proposta para além do jazz? “É uma questão irrelevante. Não considero que o jazz seja um género musical e sim que é um

método de construção. A integração de elementos vindos de fora da categoria ‘jazz’ sempre acompanhou a história desta música. Foi assim com Ellington e foi assim com Miles. Os elementos com que todos os músicos de jazz trabalham são os do seu tempo, e neste tempo em que vivemos ‘aconteceram’ Albert Ayler, John Cage, Jimi Hendrix, Public Enemy e Derek Bailey. Pretender que as suas contribuições não afectaram a nossa maneira de pensar a música significa que ou se está a reproduzir o passado ou a manter um ambiente musical não-interactivo. Nenhum desses cenários é criativamente positivo. Os artistas que me interessam foram tão autênticos com o seu tempo que até parecem ter-se-lhe adiantado. O jazz de hoje só podia ser diferente do *be bop* dos anos 1940, do *hard bop* dos 50 e do *free jazz* dos 60. Se não fosse, seria uma linguagem morta.”

Platform 1 é, pois, plataforma e construção, espaço actuante e acto propriamente dito. Não com o propósito de diluir uma condição na outra, apresentando-a como uma unicidade, mas precisamente para evidenciar a dualidade entre o que sustém, o que dá “chão”, e o que se proporciona acontecer, o que se “inventa”. A esse nível, estamos perante um quinteto com uma causa e com um programa. A causa é o jazz e o programa consiste em imaginar novas mutações para este híbrido genético nascido no Novo Mundo dos enlances entre as músicas africanas e europeias.

Rui Eduardo Paes
Crítico de música, ensaísta

Ken Vandermark

saxofone tenor

Um dos mais importantes músicos da actualidade do jazz a nível planetário, Ken Vandermark tem merecido a devoção do público e da crítica. Com os saxofones tenor e barítono e os clarinetes soprano e baixo, dedica-se à causa de esbater as fronteiras entre composição e improvisação, no seguimento da tradição do jazz, mas com uma perspectiva de permanente inovação. É o líder de uma quantidade impressionante de grupos, entre os quais se destacam Vandermark 5, Powerhouse Sound, Free Fall, Territory Band, Spaceways Inc, School Days e DKV Trio. Além disso, participa em formações como Sonore, Peter Brotzmann Chicago Tentet e Fire Room, entre outras. Em paralelo, desenvolve trabalho como programador de festivais e de concertos, sendo de referir a Wednesday Night Jazz Series da Empty Bottle e a Immediate Sound Series da Hideout. Foi recentemente votado como um dos mais influentes artistas da cidade de Chicago.

Steve Swell

trombone

Com Nova Iorque como base de trabalho, Steve Swell é um dos mais completos e idiossincráticos trombonistas do jazz vivo. Músico indiferente às muitas vezes ilusórias separações entre *mainstream* e 'vanguarda', tocou tanto com Lionel Hampton e Buddy Rich como com Anthony Braxton e Cecil Taylor.

As grandes figuras do jazz buscam frequentemente a sua companhia, como aconteceu já com Makanda Ken McIntyre, Bill Dixon, Perry Robinson, William Parker, John Zorn, Tim Berne e Joey Baron, e com todos eles, como a crítica já referiu, tocou o seu trombone como se fosse um jacto a mergulhar sobre o alvo. Ainda que conhecido, sobretudo, como *sideman*, são já vinte os discos que gravou em nome próprio, todos eles abrindo novos capítulos para a evolução do seu instrumento no jazz. Em simultâneo, é um respeitado pedagogo, leccionando no New England Conservatory e em escolas públicas de Nova Iorque.

Magnus Broo

trompete

Um dos mais respeitados e elogiados trompetistas do presente estágio do jazz, com o *styling* do *bop* bem aprendido e uma natural propensão para as formas abertas, Magnus Broo é membro fundador do supergrupo escandinavo Atomic, toca habitualmente com Martin Küchen (nos aplaudidos Angles) e com Mats Gustafsson (Boots Brown) e esteve envolvido em outra banda com Ken Vandermark que também teve estreia portuguesa, 4 Corners. Muito rápido nos fraseios e com uma clara paixão por ambiências *swingantes*, além de possuir um som quente e uma imaginação prodigiosa, o seu estilo é remanescente dos de Don Cherry – o do período em que tocou com Ornette Coleman, principal influência da escrita de Broo – e Lester Bowie. Se bem que prefira a participação em projectos colectivos, mantém

desde há longa data o seu próprio quarteto. Dave Douglas e Wadada Leo Smith que se cuidem, pois têm-no no seu encaicho...

Joe Williamson

contrabaixo

Figura parda do *avant-jazz* e da livre-improvisação na Europa, o canadiano Joe Williamson soma experiências com os nomes de topo em ambos os campos, de Han Bennink e Alexander von Schlippenbach a Axel Dorner e Christine Sehnaoui, com passagem por Steve Beresford, Tobias Delius ou Paul Lovens, e vem colaborando com formações do rock mais experimental, como a banda punk anarquista The Ex e os não menos punk, mas baseando-se em temas tradicionais judaicos, Kletka Red. Um virtuoso do contrabaixo, nunca deixa que a técnica submeta a inventividade e a expressão. Com um profundo sentido de *groove* e a perfeita noção de que o seu papel num grupo é o de ser a coluna vertebral de tudo o que acontece, não se limita a ser um ritmista. As suas improvisações parecem ter sido compostas e as suas partituras são funcionais, pensando-as para serem 'rebentadas' por dentro no palco.

Michael Vatcher

bateria

Bem pode ser o eterno *sideman*, mas o certo é que o baterista californiano, mas sediado em Amesterdão, Michael

Vatcher é um alicerce fundamental de todos os grupos em que participa. Habitualmente, encontramos-lo com o saxofonista e clarinetista Michael Moore, mas pertence igualmente ao Tristan Honsinger Sextet e ao Maarten Altena Ensemble e tem feito a diferença tanto nos 4 Walls, com Phil Minton, e nos Sol6, com a nova revelação Ingrid Laubrock, como com John Zorn, os sempre espectaculares The Ex, a lenda viva que é Misha Mengelberg e um dos maiores, embora pouco reconhecido, contrabaixistas de jazz do nosso tempo, Wilbert DeJoode. Faz tudo com um par de baquetas, de métricas e polirritmias a texturas abstractas e trabalho de *bricolage*. Outra das suas ocupações é a música de cena para dança, colaborando sobretudo com as coreógrafas Katie Duck e Eileen Standley e mantendo um velho vínculo com a School for New Dance Development.

Lost Ride

de Sílvia Real
& Francisco Camacho

Dança Qua 1, Qui 2 Junho

Grande Auditório · 21h30

Duração aproximada: 1h15 · M12



Co-criação e interpretação Sílvia Real

Música original Sérgio Pelágio

Luz e direcção técnica Frank Laubenheimer

Figurinos Carlota Lagido **Cenografia** Eric da Costa **Assistente de Direcção** Tiago Cadete

Produção Eira & Real Pelágio

Co-produção Fundação Caixa Geral de Depósitos - Culturgest, Teatro Cine de Gouveia, Festival Citemor, Cine Teatro de São Pedro, Centro de Artes de Sines
A Eira é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura/Direcção Geral das Artes e associada à Rede - Associação de Estruturas para a Dança Contemporânea

Em *Lost Ride* as figuras criadas por Sílvia Real confrontam-se com o espaço físico e psíquico que as constringe. Estão num espaço artificial e construído, sendo reforçada a ideia de fabricação. Este é um mundo em que já não é possível uma suposta “ordem natural das coisas”. O orgânico e o inorgânico hibridizam-se, devoram-se, deglutem-se. *Lost Ride* habita na tensão, na ilusão das dicotomias e sobre elas oferece a possibilidade

de canibalismo. A proposta deste espectáculo implica o desvelar de estruturas contraditórias e uma aproximação às vidas psíquicas. E à sua ausência e condições de possibilidade.

As figurações em cena traduzem modos de estar progressivamente incompatíveis e precários na sua enunciação. Como se a definição das figurações implicasse forçosamente a incorporação do próprio contexto que a torna possível. Trata-se de habitar e não apenas de um modo de estar.

Esse habitar traduz-se no desfazamento, implicando a disparidade e o paradoxo entre sentir e exprimir. As sucessivas cenas revelam diferentes camadas, emocionais e físicas, que se ocultam e desocultam. As rupturas, a eclosão, o quebrar das superfícies acentuam a angústia do fim. Ou será que a angústia nos habita desde o princípio? Ou ainda que a angústia somos nós?

João Manuel de Oliveira

Lost Ride é um espectáculo dedicado à memória de Mónica Lapa.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado
Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes
Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos
Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira
Rita Duarte *estagiária*

Publicações

Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez
Clara Troni
Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro
Paulo Silva
Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo *chefe*
Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira
Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho
Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes
Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real
Inês Costa Dias
Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
